

Com quantas redes se escreve uma história da Daseinsanalyse?

With how many networks is the history of Daseinsanalyse written?

Raphael Thomas Ferreira Mendes Pegden¹

Arthur Arruda Leal Ferreira²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

(Rec: febrero 2015 – Acept: junio 2015)

Resumo

O presente artigo pretende pensar a história do movimento *daseinsanalítico* problematizando sua prática a partir da rede que a constitui. Dessa forma, nos apropriamos de alguns dispositivos conceituais desenvolvidos no pensamento da *Teoria Ator Rede* de Bruno Latour e no da *Epistemologia Política* de Stengers e Despret. Refletindo sobre a controvérsia teórica que existiu entre Binswanger e Boss, o objetivo deste trabalho é identificar algumas relações, que constituem a rede deste saber psicológico (a *Daseinsanalyse*). Estas seriam pensadas a partir dos modos de afetação e coafetação (dóceis ou recalcitrantes). Os frutos deste breve estudo miram esclarecer basicamente como um saber psicológico (a *Daseinsanalyse*) se modula e se sustenta, não tanto pelo seu corpo teórico, mas antes pelas formas de articulação entre os seus diversos atores.

Palavras-chave: Daseinsanalyse, recalcitrância, articulação.

Abstract

The aim of this article is to reflect about the history of *Daseinsanalyse* therapy questioning its practice by approaching its establishing networks. Thus, we use some conceptual devices developed in the Actor Network Theory by Bruno Latour and in Political Epistemology by Stengers and Despret. The target of this paper is to identify some relations that constitute the networks of this psychological practice (*Daseinsanalyse*), specially reflecting about the theoretical controversy occurred between Binswanger and Boss. These networks will be described from the different ways of affectedness or co-affectedness (docile or recalcitrant). This brief study seeks to clarify how a psychological practice (the *Daseinsanalyse*) modulates and maintains itself, not only by its theoretical framework, but rather by diverse forms of articulation between its actors.

Keywords: Daseinsanalyse, recalcitrance, articulation.

¹ Correspondencia a: Raphael Thomas Ferreira Mendes Pegden. Instituto de Psicologia - Av. Pasteur 250 (Fundos). Urca, Rio de Janeiro. Praia Vermelha - Rio de Janeiro - Brasil CEP: 22290-902. E-mail: rtpedgen@gmail.com.

² E-mail: arleal@superig.com.br.

Introdução

O foco deste trabalho é uma reflexão histórica centrada nas controvérsias que existiram entre as principais versões da *Daseinsanalyse*. Contudo, a narrativa que pretendemos realizar busca se diferenciar das tradicionais, como aquelas presentes na história das ciências, de viés epistemológico. Não buscaremos realizar uma história evolucionista ou triunfalista, mas ao modo do princípio de simetria generalizado (Latour & Woolgar, 2000), procuraremos articular os eventos do desenvolvimento da *Daseinsanalyse* à uma gama de atores distribuídos numa rede sociotécnica. É nesta perspectiva que buscamos as ferramentas conceituais na *Teoria Ator-Rede* de Bruno Latour e na *Epistemologia Política* de Isabelle Stengers e Vinciane Despret³.

Na *Teoria Ator Rede* nos aparece a possibilidade de estudarmos a constituição histórica de um saber pela articulação de diversos atores distribuídos na rede que os compõem; já na *Epistemologia Política*, nos aparece a possibilidade de estudarmos a produção de um conhecimento científico a partir do agenciamento das relações políticas que o atravessam.

Para os autores da *Epistemologia Política* e da *Teoria Ator Rede*, o conhecimento científico não opera com um modelo de representação da realidade estudada; mas corresponde antes a um modo específico de articulação entre diversos atores, incluindo pesquisadores, entes pesquisados, comunidades científicas, aliados e técnicas de inscrição, na produção de mundos específicos (Latour, 1997). A abordagem, que numa narrativa histórica considera essa operação de *produção de mundo*, corresponde ao que Latour (1989) denominou de história-construção em contraposição às demais formas de história: a história-descoberta, a história-condicionamento e a história-formação.

A *história-descoberta* indica aquela abordagem que constrói grandes narrativas, que produz cortes históricos entre o passado e o presente mediante uma distinção entre verdade e erro. O que esta narrativa busca “é fazer com que o presente seja diferente do passado,

que os dois fiquem bem separados.” (Latour, 1989, p. 54). Ou seja, se trata de um discurso que não toma os fenômenos a partir da sua construção histórica em suas controvérsias, mas que considera apenas fatos científicos consagrados, caracterizando as teorias passadas como errôneas e as presentes como as verdadeiras.

Já a *história-condicionamento* seria aquele modelo de abordagem que busca considerar uma simetria entre vencedores (presente/verdade) e vencidos (passado/erro) admitindo, também, a presença de fatores extracientíficos na produção de determinadas concepções em diferentes épocas. A *história-formação*, por sua vez, amplia a história-condicionamento, pois trata de “explicações de uma controvérsia que fazem apelo ao mesmo repertório [de fatores extracientíficos] para definir já não a aceitação de um argumento [de uma teoria científica], mas a própria origem deste argumento” (Latour, 1989, p. 58).

E finalmente temos a *história-construção ou história-rede*, cujas diretrizes pretendemos usar para nortejar o presente escrito. Este modelo aponta para aquela narrativa que busca esclarecer, não a formação de determinadas teorias, mas a construção histórica delas e, principalmente, das próprias entidades que elas se propõem a estudar. Para Latour (1989), a *história-construção* restitui a historicidade às entidades pesquisadas, pois trabalha estas, não como fatos existentes em si mesmo, mas como algo construído historicamente em torno de controvérsias e disputas.

Estruturalmente o texto se encontrará dividido em duas partes. A primeira pertinente ao esclarecimento da teoria da *Daseinsanalyse* acompanhada também de uma narrativa histórica tradicional do seu percurso. Já na segunda parte do texto, visamos abrir o material explorado na primeira parte mediante uma leitura pelos moldes da história-construção.

Desdobrando a Daseinsanalyse

Em uma primeira aproximação, a *Daseinsanalyse* pode ser entendida como um encontro da psiquiatria com a fenomenologia de base heideggeriana. A fenomenologia heideggeriana corresponde ao esforço efetuado por Martin Heidegger de tentar iluminar o sentido do “Ser” mediante o método fenomenológico proposto por Edmund Husserl.

Tomando como plano temático a questão pelo “sentido do ser”, Heidegger, em sua principal obra *Ser e tempo* de 1927, realiza aquilo que se intitulara por *Daseinsanalytik (Analítica do ser-aí)*: uma via de

³ Por indicação de um dos pareceristas do artigo é importante destacar algumas linhas de trabalho locais que se aproximam do artigo aqui proposto. A par das fontes da Teoria Ator-Rede e da Epistemologia Política de seus autores mais canônicos, o trabalho se aproxima de alguns textos que investem numa abordagem CTS (referente a Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade) da história da psicologia. Para tal indicaria os trabalhos de Carrasco (2014) e Loredó (2012 e 2013). De maneira mais próxima há o esforço de abrir uma área de Estudos de Clínica, como se produziram os Estudos de Laboratório, com os trabalhos grupos de pesquisa em que faço parte: Leal et alli (2013 e 2014).

acesso à interpretação do “Ser” pela analítica do ser do homem, um *ser-ai* (*Dasein*). Em tal exercício o filósofo buscou decompor a existência do homem (um ser-aí) às suas estruturas fundamentais (*temporalidade, espacialidade, ser-no-mundo, ser-com, angústia, ser-para-a-morte*, dentre outros) reconduzindo-as até sua unidade de articulação básica, entendida como *cura* ou *cuidado*. Isto é, Heidegger, para poder acessar a questão do Ser, buscou investigar sobre as categorias fundamentais do existir humano (chamados de *existenciais*) e as encontrou fundamentadas num modo particular de ser do homem, que ele chamou de *cuidado* (Heidegger, 2009). Assim, o que Heidegger nos pôs em jogo pela *Analítica do Dasein* foi basicamente uma interrogação pelo ser do homem, tomando-o como fenômeno de abertura para a questão do Ser em geral.

Mediante esta reflexão, o trabalho de Heidegger serviu de inspiração para a formulação de teorias psiquiátricas e psicológicas, nas quais se buscava compreender o homem como esse fenômeno de abertura para o mundo, um *ser-no-mundo*. A *Daseinsanalyse* foi o efeito dado no esforço de se apropriar do entendimento desta estrutura do existir humano (a *Analítica do Dasein*) para iluminar uma nova forma de conceber o relato dos consultantes dentro do espaço clínico. No interior das narrações mais correntes, Cardinalli (2012), por exemplo, nos aponta que a apropriação da *Analítica do Dasein* pela clínica possibilitou contornar uma série de dificuldades impostas pelas abordagens naturalistas da psiquiatria clássica e, principalmente, da psicanálise. Dastur (2005), por outro lado, argumenta que teria sido Ludwig Binswanger o verdadeiro fundador da *Daseinsanalyse* psiquiátrica. Contudo, conforme apontam outros autores (Moreira, 2012a; Tatossian, 2006; Spiegelberg, 1972, etc.) as influências do pensamento fenomenológico na psicologia e na psiquiatria são anteriores aos trabalhos de Binswanger, pois podemos destacar ainda o pensamento de Jaspers ou Minkowski. Porém, apesar de ser extensa a superfície de contato entre estes dois saberes (a fenomenologia e os saberes psi), argumentamos que as psicologias ou psiquiatrias de inspiração fenomenológica possuíam algo em comum: para além da sua inclusão no método fenomenológico, teríamos nelas uma dimensão interpretativa do fenômeno humano. Pois, como argumenta Foucault (2010, p. 140), as psicologias e psiquiatrias de inspiração fenomenológicas não tomam o homem pelo modelo orgânico, físico-químico ou evolucionista; mas o tomam, antes, na significação das suas condutas, pois “a fenomenologia estabeleceu-a [a questão da

compreensão] sobre uma análise do sentido imanente à toda experiência vivida”.

Incorrendo numa história-descoberta da Daseinsanalyse

Como vimos, são múltiplos os pontos de diálogo entre a fenomenologia, a psicologia e a psiquiatria. Contudo, circunscrevendo nossas reflexões ao tema da *Daseinsanalyse*, apontamos os autores e fundadores das duas principais escolas daseinanalíticas, Ludwig Binswanger e Medard Boss, como focos de consideração. Nesta seção do artigo pretendemos narrar brevemente a história desse movimento numa perspectiva da *história-descoberta*

Segundo Spiegelberg (1972) há três momentos no desenvolvimento no pensamento de Binswanger: um primeiro momento da aproximação deste com os trabalhos de Husserl e uma tentativa de fundamentação epistemológica da psicanálise de Freud pela fenomenologia de Husserl; um segundo momento influenciado pela fenomenologia de Heidegger de *Ser e Tempo* e um terceiro momento de retorno à obra de Husserl.

A primeira fase, pertinente às tentativas de se fundamentar a metapsicologia freudiana sobre os alicerces da fenomenologia husserliana, o fez confrontar o modelo de aparelho psíquico psicanalítico com a noção de consciência intencional edificada na filosofia fenomenológica. Deste embate, Binswanger teceu consideráveis críticas se opondo à teorização do inconsciente e à explicação causal dos mecanismos do aparelho psíquico freudiano. Assim se posiciona o psiquiatra:

Apesar de toda a nossa admiração pela obra de Freud e toda a estima pela importância gigantesca da psicanálise no plano da psicoterapia, nossa formação filosófica não nos permitiu reconhecer suas hipóteses filosóficas, particularmente no que concerne à relação entre alma e corpo, entre o instinto e o espírito (Binswanger, 1971 em Moreira, 2012a, p. 195).

Spiegelberg (1972) argumenta ainda que pelo contato de Binswanger com a fenomenologia, este percebeu que faltavam duas coisas fundamentais ao pensamento freudiano: uma densidade metodológica pertinente à justificação científica dos seus pressupostos (que deveria ser fornecida pela filosofia de Husserl) e uma compreensão mais aprofundada sobre a estrutura

antropológica do homem (que deveria ser fornecida pela *Análítica do Dasein* de Heidegger, aqui entendida como uma antropologia filosófica).

Deste embate inicial teria se seguido uma segunda fase do pensamento de Binswanger. Diversos autores argumentam que o surgimento da *Daseinsanalyse* se deu com a publicação de *Traum und Existenz* (Sonho e Existência) de 1933. Porém, conforme aponta Dastur (2005), o termo só viria a público em 1941 para substituir o título *Antropologia fenomenológica*, modo pelo qual Binswanger se referia ao próprio trabalho até então.

Desde o contato com a obra de Heidegger, Binswanger se apropria dos conceitos tecidos na *Análítica do Dasein* para lançar mão de uma nova forma de compreensão dos fenômenos psíquicos e psicopatológicos na clínica. Em *Sonho e Existência* o autor faz uso dos conceitos heideggerianos de *Dasein* e de *ser-no-mundo* para descrever a fenômeno humano na sua estrutura ontológica de ascensão e queda. O texto, relativamente curto, argumenta que “a tarefa fundamental da psiquiatria não é de descrever processos psicossomáticos e biográficos singulares [...] e sim formas ou estruturas dinâmicas do mundo, que são a fonte principal das manifestações da vida em geral” (Loparic, 2002, p. 4).

A descrição dos modos simultâneos de ser no mundo dos seus pacientes se encontra elaborada na extensa obra de 1942, *Formas fundamentais e conhecimento do Dasein humano*. Esta obra foi significativa; pois implicou não só numa alteração da estrutura ontológica do *Dasein* descrita por Heidegger em *Ser e Tempo*, como também numa reformulação de alguns conceitos considerados imprescindíveis por Heidegger. Um primeiro aspecto que merece relevância é o de que Binswanger, orientado pela filosofia de Karl Lowith, estende a estrutura do *ser-com* para o *ser-com-o-outro* (indicando influência também do filósofo Martin Buber e sua filosofia do *eu-tu*). Por mais que estas modificações estivessem norteadas por uma preocupação teórica com a relação intersubjetiva médico-paciente, suas formulações conceituais resultaram na elaboração de uma fenomenologia do amor. Conforme nos aponta Loparic:

A tese básica é a de que o amor atesta uma ‘abertura eterna’ da existência humana, não proporcionada pela ‘resolutividade entecipada da morte’ do ser-no-mundo. Nessa abertura manifesta-se o inteiro ‘ser-para-além-do-mundo’, tanto como ‘pátria e eternidade’, quanto como ‘ser na pátria

e na eternidade e como ‘eu e tu’ existentes dessa maneira. (Loparic, 2002, p. 6)

A controvérsia entre Binswanger e Heidegger implicava nesta interpretação que não só estendida o existencial *ser-no-mundo* em novas concepções, como também substituída o conceito *cura* ou *cuidado* (*sorge*), como o *existencial fundamental*, pelo conceito de *amor*. Posiciona-se assim Spiegelberg sobre o tema:

O maior e principal trabalho filosófico de Binswanger, o *Grundformer und Erkenntnis menschlichen Daseins*, é em todos os propósitos práticos uma antítese para Heidegger na forma de uma “fenomenologia do amor”. Amor este que, situado por Binswanger, havia congelado do lado de fora da fria imagem da existência humana retratada por Heidegger. (Spiegelberg, 1972, p. 206)

Por conta dessa modificação e interpretação etérea do conceito de *cura* por Binswanger, Heidegger passou a recusar e criticar o projeto do psiquiatra suíço, pois apontou que este não fora capaz de compreender a dimensão ontológica do conceito existencial questionado (Heidegger, 2009). Isto é, Heidegger argumenta que Binswanger não só compreende errado o projeto de *Ser e Tempo*, interpretando-o como uma antropologia filosófica, como também, critica as alterações efetuadas pelo psiquiatra apontando que este não fora capaz de entender a distinção fundamental entre as dimensões ôntica e ontológica do *Dasein*. Após a crítica do filósofo ao projeto psiquiátrico, Binswanger reconheceu a oposição de Heidegger, porém compreendeu o seu desvio como um mal-entendido produtivo (Loparic, 2002).

Segue-se à esta fase o terceiro momento do desenvolvimento do pensamento de Binswanger. Aqui, dentre as várias obras destacamos uma que merece maior atenção, *As três formas do Dasein malogrado* de 1956. Nesta obra Binswanger tem suas concepções marcadas pela filosofia de Wilhelm Szilasi, autor de *Introdução à Fenomenologia de Husserl* de 1959. Segundo Spiegelberg (1972), o pensamento de Husserl é resignificado dentro da obra de Binswanger mediante o trabalho de Szilasi, que apresenta ao psiquiatra suíço os conceitos da última fase da fenomenologia husserliana. Neste período temos uma reaproximação da *Daseinsanalyse* de Binswanger com a filosofia de Husserl. Podemos interpretar o retorno de Binswanger à obra de Husserl mediante uma justificativa teórica; pois, conforme argumenta Tatossian (2006), os momentos de adesão à Husserl e à Heidegger, por parte da obra

de Binswanger, correspondem a diferentes períodos do desenvolvimento teórico do seu pensamento:

...se a análise intencional da consciência de Husserl se revela inadequada à amplitude das modificações psiquiátricas do ser humano e necessita o recurso ao alargamento da intencionalidade husserliana no ser-no-mundo heideggeriano, este permite sem dúvida uma melhor descrição dos mundos constituídos dos doentes mentais na Daseinsanalyse, mas não facilita quase nada aquela da constituição ou da gênese desses mundos. É para dar conta disso que Binswanger retorna à fenomenologia [...] da subjetividade, [...] a fenomenologia do Ego ou egologia transcendental do Husserl tardio... (Tatossian, 2006, p. 32)

Assim devemos situar esta terceira fase do pensamento *daseinsanalítico* de Binswanger como uma reviravolta na qual o psiquiatra passa a se ocupar não mais exclusivamente sobre as estruturas de mundo do *ser-no-mundo* doente; mas, também, na temática pertinente à gênese constituinte do mundo doente.

Contudo, no ano de 1950, no I Congresso de Psiquiatria em Paris, o psiquiatra suíço faz uma outra modificação quanto ao título de sua obra e propõe *Análise Antropológica-fenomenológica* para caracterizar o seu trabalho. Moreira (2012b) argumenta que Binswanger opta por essa modificação visando diferenciar a natureza de seu trabalho da corrente existencialista de Jean Paul Sartre que se disseminava pela Europa no período pós-guerra.

A *Daseinsanalyse* de Binswanger não só suscitou algumas críticas (como a do próprio Heidegger), mas também corroborou significativamente para a consolidação de uma nova perspectiva em psicologia e psiquiatria. Assim, para além dos múltiplos títulos assumidos para caracterizar o seu projeto, Binswanger foi amplamente reconhecido como o fundador da *Daseinsanalyse*, seja pela sua publicação original *Sonho e Existência*, seja pelo desenvolvimento teórico de uma clínica inspirada pela fenomenologia heideggeriana. Contudo, devemos ainda sublinhar que os esforços de Binswanger não foram os únicos que animaram a formação da *Daseinsanalyse*.

Depois da década de 1940 se formou em Zurich uma outra escola de *Daseinsanalyse*. Após a segunda guerra mundial, Heidegger foi sentenciado pelo comitê de desnazificação e ficou proibido de lecionar em espaços públicos por quase cinco anos. Foi durante esse período que ele recebeu uma carta de um jovem

psiquiatra suíço chamado Medard Boss. Este pedia alguns esclarecimentos sobre a filosofia apresentada na obra *Ser e Tempo*. Nas suas palavras, nos relata o psiquiatra: “como médico, escrevi uma carta ao filósofo em que lhe pedia ajuda intelectual. Foi grande a minha surpresa ao receber sua resposta pelo correio. Amavelmente, Martin Heidegger dizia-se disposto a dar a ajuda que fosse possível” (Heidegger, 2009, p. 13).

Desse contato inicial surgiu uma rica amizade juntamente com o interesse de se tentar uma abordagem fenomenológica do *Dasein* na clínica, abordagem esta que fosse distinta daquela feita por Binswanger. Boss não tentou alterar nenhum dos *existenciais* explicitados pela *Análítica do Dasein*, pois os considerou na sua dimensão ontológica (isto é, referente ao *ser* do homem). Essa apropriação canônica da fenomenologia de Heidegger possibilitou a Boss propor novas formas de compreender os modos de existência patológicos na clínica sem recair ou num naturalismo (como ocorria na psicanálise que reconduzia toda patologia a uma sexualidade) ou numa contraposição (como ocorrera com Binswanger cujo trabalho implicara numa interpretação diferente daquela pretendida por Heidegger) (Cardinalli, 2012). Partindo da *Análítica do Dasein*, Boss reconhece que o existir humano se encontra estruturado por possibilidades de realização dos nossos *existenciais* (as categorias fundamentais que fixam os modos de ser do homem, como a *corporeidade*, a *espacialidade*, a *temporalidade*, a *afinação*, etc.). Assim, qualquer forma de adoecimento deveria ser contemplada à luz desta estrutura do *Dasein*. A doença corresponderia, segundo Boss, a uma privação: “Os vários modos de doença humana podem ser classificados existencialmente – isto é, de acordo com suas verdadeiras naturezas – somente em relação a uma particular privação que afeta a manifestação dos existenciais.” (Boss, 1979 em Cardinalli, 2012, 97). Essa posição se encontra no terreno do pensamento heideggeriano uma vez que este afirma que:

A doença não é a simples negação da condição psicossomática. A doença é um fenômeno de privação. Em toda privação esta copertinência essencial, aquilo a quem falta algo foi suprimido. (...) Assim também o não-estar-são, o estar-doente é uma forma privativa do existir. Por isso também não se pode conceber adequadamente a essência do estar doente sem uma definição suficiente do estar são. (Cardinalli, 2012, p. 98)

Em 1957, após uma conferência em Madrid, Boss publica uma crítica a Freud, Jung e Binswanger que, conseqüentemente, levou a uma ruptura ainda maior entre ambos os psiquiatras suíços. Binswanger se sentiu traído por Boss assim como também por Heidegger, que rejeitara o seu projeto. Aqui identificamos uma divergência entre os pensamentos; pois o trabalho de Binswanger já era referido pelo título de *Análise antropológica-fenomenológica*, enquanto que o título de *Daseinsanalyse* ficou pertencendo à obra de Boss (Spiegelberg, 1972). Já em 1959, Boss passa a organizar em sua casa seminários, conhecidos como os Seminários de Zollikon, palestrados por Heidegger e proferidos aos seus colegas e alunos. O principal interesse ali era elucidar uma abordagem psicoterapêutica a partir dos fundamentos existenciais apresentados por Heidegger. Enquanto que Binswanger se recusava a institucionalizar a sua *psiquiatria daseinsanalítica* e insistia em concentrar seus estudos na questão dos fundamentos teóricos, Medrard Boss, junto de Gion Condrau, buscaram fundar associações voltadas para a disseminação do pensamento *daseinsanalítico*. Fundaram a *Sociedade de Daseinsanalyse Suíça* em 1970 (quatro anos após a morte de Binswanger) e o *Instituto de Zurich de Psicoterapia e Psicossomática Daseinsanalítica* em 1971, mais tarde conhecida como *Fundação Medrard Boss*. Apenas em 1991 a *Sociedade de Daseinsanalyse Suíça* se tornou a *Federação Internacional de Daseinsanalyse*.

Desconstruções para uma história-construção

Na narrativa anterior pudemos apontar brevemente alguns momentos históricos: 1º a busca pela realização de uma ontologia fundamental por Heidegger e a apresentação de sua *Análítica do Dasein* em *Ser e Tempo*; 2º a descoberta desta analítica por Binswanger e a busca pela sua aplicação na clínica desenvolvida em três fases distintas; 3º a interpretação diferenciada dos *existenciais* heideggerianos e um afastamento entre o psiquiatra e o filósofo e 4º a formação de uma segunda escola de *Daseinsanalyse* que buscou preservar o sentido originário da *Análítica* realizada por Heidegger mediante uma aplicação canônica desta na clínica.

Contudo, conforme havíamos indicado anteriormente, a intenção da nossa leitura é a de se apropriar deste material e desta curta narração histórica para repensar a formação de uma clínica a partir dos encaminhamentos articulados na rede de relações existentes entre aqueles que a fundaram. Acompanhando a distinção

feita na introdução entre as diferentes modalidades de história apresentadas pelo pensamento de Bruno Latour, seguiremos agora com uma leitura da história da *Daseinsanalyse* pelo modelo da *história-construção*.

Seguindo a orientação proposta pela *história-construção*, deveremos partir do *princípio de simetria*⁴. Este argumenta que não há qualquer concessão de privilégio à ciência estabelecida em oposição às ciências pouco estabelecidas. Isto é, o princípio de simetria nos obriga a desconsiderar a dualidade entre os vencidos e vencedores e nos leva a tomar uma nova posição diante da questão. Aqui, como aponta Stengers (1989) e Despret (1999) na teoria da *Epistemologia Política*, o produto do conhecimento não é tomado como uma representação fiel da realidade, mas como efeito de uma articulação entre os agentes distribuídos na rede que compõe tal conhecimento.

Assim, buscaremos refletir brevemente sobre a formação da *Daseinsanalyse* na controvérsia entre Binswanger e Boss, não a partir de um critério de verdade ou erro (boa ou má interpretação da *Análítica*), mas a partir do bom ou mal agenciamento (ou articulação) entre os diversos atores.

Despret (2004) utiliza os conceitos de *docilidade* e *recalcitrância* para indicar as implicações possíveis da articulação entre atores. A docilidade aponta para os efeitos daqueles modos de articulação cujos resultados não produzem nada além do já esperado devido a uma articulação do dispositivo. Já recalcitrância indica o modo pelo qual numa pesquisa o dispositivo abre possibilidades além dos dados esperados; isto é, produz “novidades”. Buscaremos usar esses dois conceitos como analisadores para estudar os diferentes tipos de alianças de Boss e Binswanger com Heidegger.

Já por outro lado, Latour (2001) sublinha o movimento de translação como o modo pelo qual tende-se combinar interesses diversos de uma prática científica num único objetivo composto. Conforme aponta Latour (2001) “A operação de translação consiste em combinar dois interesses até então diferentes num único objetivo” (p. 106). Assim a ciência, segundo Latour (2001), seria constantemente modulada por objetivos transladados. Investigar os movimentos de translação, na história da *Daseinsanalyse*, por exemplo, implica em atentar para as diferentes manobras políticas efetuadas pelos seus atores de forma a evidenciar os modos pelos quais a clínica se viu modulada por estes objetivos dados numa certa conjuntura. O que importa nestes movimentos de

⁴ Assim como igualmente faria a história formação e a história condicionamento.

translação não é unicamente a fusão de interesses que ela enseja, mas a criação de uma nova mistura: a *clínica* da *Daseinsanalyse*.

Elementos para uma história-construção da *Daseinsanalyse*

Conforme foi explicado anteriormente, ao abordarmos a *Daseinsanalyse* pela perspectiva vislumbrada na *Teoria Ator Rede*, indicamos que ela deve ser pensada como produto de uma translação ou tradução de interesses entre campos diversos, como o da psiquiatria e o da filosofia. É em torno do ponto de contato entre estas esferas distintas que podemos compreender a *Daseinsanalyse* como fruto da modulação simultânea de dois saberes inicialmente heterogêneos um ao outro.

Pois se o seu projeto corresponde a uma modulação da filosofia heideggeriana pelo pensamento psiquiátrico clínico, concordamos que este contato, não implica num transporte de um pensamento para o domínio de um outro saber; mas ele implica, antes, na articulação de interesses diversos para a produção de uma nova instância. Em seu texto "*Fluxo sanguíneo das ciências: um exemplo da inteligência científica de Joliot*", Latour (2001) mostra como o laboratório do cientista Joliot, inspirado na tarefa de construir uma bomba atômica de nêutrons, se apresenta como fruto da translação de interesses distintos: um pertinente às questões da invenção de um dispositivo, outro pertinente às demandas políticas da segurança nacional e outro ainda relacionado a formação de uma comunidade acadêmica. Quando refletimos sobre a *Daseinsanalyse*, encontramos em discussão questões referidas aos domínios de saberes epistêmicos distintos, porém, contornados por interesses capazes de vinculá-los sob uma mesma proposta.

Qual interesse de Heidegger em rejeitar o projeto de Binswanger? E como Boss, um psiquiatra cujo interesse era elaborar métodos terapêuticos mais eficazes, veio a buscar auxílio de um filósofo excluído no pós-guerra? Ou por que Heidegger, cujo interesse era poder voltar a lecionar, acertou de fazer excursões até Zollikon, para se articular com terapeutas? Os diversos interesses aqui inscritos em diferentes modos de relação apontam para múltiplas translações, que nos seus variados agenciamentos, tecem a concepção que compreendemos por *Daseinsanalyse*.

Se por um lado podemos entender a *Daseinsanalyse* como uma clínica, devemos destacar que, no âmbito da sua formação histórica, as suas duas principais escolas de pensamento (a de Binswanger e a de Boss)

podem ser interpretadas como redes distintas, mas inscritas sob o título comum de *Daseinsanalyse*. Assim, a *Daseinsanalyse*, enquanto dispositivo clínico, seria um projeto edificado sobre duas redes diferentes mas com traduções críticas entre elas: uma correspondente aos trabalhos de Binswanger e a outra aos trabalhos de Boss. Diante deste aspecto queremos sublinhar dois pontos: o primeiro é que é importante refletirmos sobre a natureza do agenciamento destas duas translações de interesse que resultaram em duas correntes diferentes entre si; o segundo é que a ausência de uma unidade ou de uma teoria unificada da *Daseinsanalyse* deve ser tomada em seu aspecto positivo. Despret (1999), num sentido distinto do de Canguilhem (1973), sustenta que a psicologia é composta de versões que se tornam mais fecundas na medida em que guardam referências às demais. O conhecimento se produziria justamente na proliferação destas versões.

Quando falamos que há pelos menos duas translações distintas, apropriamo-nos dos conceitos já comentados de recalitrância e docilidade numa tentativa de caracterização. Assim, quando refletimos sobre a relação estabelecida entre Binswanger e Heidegger, podemos caracteriza-la, por exemplo, como a expressão de uma articulação recalitrante. Isso se justifica na medida em que focamos no "erro produtivo" de Binswanger. A apropriação que este faz da *Analítica do Dasein* de Heidegger implica não só numa modificação da estrutura conceitual original do pensamento do filósofo, como ela mesma produz um novo campo de articulação entre psiquiatria e filosofia. Nem os conceitos da fenomenologia heideggeriana se conservem, nem a abordagem tradicional da psiquiatria permanece. Ambos os domínios são transformados diante do advento de uma nova proposta; pois, a partir do interesse de Binswanger, ocorre uma translação do discurso original da filosofia de Heidegger para a clínica. É apenas quando Binswanger altera o conceito *cura* tido por Heidegger como fundamental para a sua *Analítica*, que este novo projeto se forma. Vemos que é com a proposta de uma nova linguagem centrada no conceito de *amor*, e não no de *cuidado* e que surge uma nova proposta diferente da *Analítica* original de Heidegger. No âmbito destas considerações podemos mencionar alguns pontos relevantes.

No âmbito destas considerações podemos mencionar alguns pontos relevantes.

Da mesma forma que a Psicanálise faz uso de alguns recursos conceituais para explicar a dinâmica que se estabelece entre o analista e o analisando (como, por exemplo, pelo conceito de transferência);

a *Daseinsanalyse* também busca elucidar o seu funcionamento clínico a partir de uma linguagem que lhe é própria. Contudo, atentando para as distinções entre os projetos de Binswanger e Boss, a relação que se estabelece entre terapeuta e paciente na clínica do primeiro é distinta daquela que se estima no projeto do segundo. Enquanto que Binswanger compreende essa relação como um deslocamento para fora de si indo de encontro ao outro, como uma relação existencial centrada no amor (e conceituada como ser-no-mundo-com-os-outros); Boss restringe sua atuação clínica ao acolhimento do outro pelo cuidado. O espaço terapêutico se modula, não tanto pela instalação da relação de transferência (tal como se espera ocorrer no processo psicanalítico), mas sim pela relação terapeuta-paciente estruturada segundo essas duas perspectivas fundadas em teorias distintas (uma focada numa “fenomenologia do amor” e outra na do “cuidado”). Tomando a clínica como espaço político para a produção de mundos (no sentido cunhado por Latour, 1997), na *Daseinsanalyse* as noções de “amor” e “cuidado” serviriam de indicativos para uma futura pesquisa na qual seria imaginável a produção de distintas políticas ontológicas, conforme Law (2004). Contudo, isso nos serviria de tema para uma pesquisa de campo com estas versões, como as que são feitas por Leal (2013, 2014).

Retomando às modificações efetuadas por Binswanger na sua leitura da filosofia heideggeriana, o afastamento entre o psiquiatra suíço e Heidegger traz consequências para o seu projeto de *Daseinsanalyse* e o “retorno a Husserl”, apontado por Spiegelberg (1972), não implica em apenas uma reviravolta conceitual, mas indica, sob a nossa ótica, num movimento político para a busca de novos “aliados”.

Já por outro lado, a articulação que definiu a relação entre Boss e Heidegger pode ser estimada como uma articulação de natureza mais dócil. A docilidade aqui sublinha o fato de que a dimensão discursiva e a apropriação conceitual que o psiquiatra faz da filosofia heideggeriana não altera em nada para além da sua estrutura original. Poderíamos dizer que, conforme sugere Stengers (1989), o que ocorre é uma *captura conceitual*: uma tentativa de se fundamentar transcendentalmente na clínica aqueles determinantes impostos pela *Analítica* de Heidegger. A docilidade na aliança de Boss com Heidegger implica neste agenciamento que não questiona a *Analítica*, apenas a aplica na clínica com suas referidas adaptações. Aqui a clínica se apresenta muito mais como um intermediário do que mediador, nos termos de Latour (2000). Se o projeto ousado de Binswanger fora capaz de simultaneamente

romper o circuito das alianças entre ele e Heidegger, forçando-o a buscar novos aliados como Wilhelm Szilasi e o seu retorno a Husserl e remodelar um novo circuito conceitual com a resignificação de certos conceitos heideggerianos; indicamos que a docilidade entre Boss e Heidegger não produz um modo de conhecimento novo para além daquele já apontado pela filosofia de Heidegger. Contudo no âmbito desta relação dócil, podemos apontar pelo menos duas consequências para o projeto de Boss.

A primeira corresponde à crítica que Boss sofreu no meio psiquiátrico por adotar o referencial heideggeriano de forma canônica. Assim Tatossian (2006), dentre outros, desaprovam essa postura ortodoxa. Este argumenta que a experiência psiquiátrica de abordagem fenomenológica se constitui na matriz da relação paciente-terapeuta de forma que qualquer fixação em alguma teoria pré-estabelecida desviaria tal projeto de sua iniciativa original. A psiquiatria fenomenológica, para se caracterizar como tal, deve fazer suas observações partirem da própria experiência com o paciente (“ir às coisas mesmas”, nos termos husserlianos), sem recorrer a qualquer orientação prévia. Assim, conforme esclarece Tatossian:

Não se trata de forma alguma de se aplicar com “exatidão filosófica” a fenomenologia de Husserl ou a analítica existencial de Heidegger, o que conduziria insidiosamente o psiquiatra a recolocar isto que é dado pelas construções teóricas e reentrar sob uma terminologia nova a abordagem psicológica habitual. É mais precisamente passar ao largo de uma abordagem científica que querer passar diretamente da abordagem ontológica à ôntica, e é esta não-cientificidade que Blakenburg desaprova em Boss, quando pretende compreender o homem doente e mesmo fundar uma psicoterapia diretamente a partir da ontologia heideggeriana. (Tatossian, 2006, p. 29)

A segunda consequência implica no fato de que a despeito de toda crítica teórica a aliança entre Boss e Heidegger permitiu uma *autonomização* mais institucionalizada de sua escola. Assim vemos se formar uma comunidade autônoma que passa a engendrar seus próprios critérios de validação, e será mediante estes critérios que Boss criticará Binswanger, conforme foi mencionado anteriormente. Deste modo, a formação da *Daseinsanalyse*, enquanto projeto clínico, dependeu da *autonomização* de uma “comunidade” congregada por interesses comuns e por *alianças* que constituíam essa

comunidade. Um produto significativo deste modo de articulação foi não só a possibilidade de realização dos *Seminários de Zollikon*, mas, principalmente, a institucionalização da clínica com a fundação *Sociedade de Daseinsanalyse Suíça* em 1970.

No entanto, retomando o projeto recalitrante de Binswanger, podemos apontar que o seu pensamento está muito mais próximo do entendimento de cientificidade sustentado por Latour, Despret e Stengers. Segundo Arendt (2010) “a ênfase do fazer científico não é mais um decisão do pesquisador: a questão da recalitrância impõe o respeito à contestação do outro ator” (p. 34). Apontamos que o “outro ator” do qual fala Arendt pode corresponder na nossa abordagem ao próprio Binswanger, que cumpre o papel de contestar Heidegger na sua pesquisa fenomenológica original. Se o conhecimento é da ordem da produção inesperada de feitos, podemos dizer que enquanto as articulações de Boss conquistaram uma institucionalização mais codificada; as de Binswanger produziram novas versões.

Algumas reflexões a caminho de conclusão

Se numa primeira apresentação buscamos apontar, mediante o modelo da *história-descoberta*, a formação da *Daseinsanalyse* indicando no seu desenvolvimento dois diferentes modelos psiquiátricos que se produziram em torno de duas diferentes formas de interpretação da filosofia de Heidegger (pautadas numa distinção entre vencidos e vencedores); já no segundo tópico da leitura buscamos brevemente refletir sua história (através da *história-construção*) a partir das controvérsias que teceram as duas principais redes da clínica daseinsanalítica. Quisemos brevemente pensar como o desenvolvimento da *Daseinsanalyse* deu-se por duas redes distintas entre si, a de Boss e a de Binswanger, cada uma pertinente aos seus modos de articulação. Pudemos perceber que a formação histórica do pensamento *daseinsanalítico* se viu modulada, não por um critério de verdade ou erro configurado em torno das interpretações feitas por Binswanger e Boss sobre a *Analítica do Dasein*; mas que ela se viu, antes, modulada pelas diferentes formas de agenciamento possíveis entre os pesquisadores. Buscamos refletir como que a *Daseinsanalyse* de Boss ganhou uma maior representatividade (quando comparada a de Binswanger), não porque ela percorreu os caminhos corretos de aplicação e interpretação da filosofia heideggeriana na clínica; mas porque o seu agenciamento entre psicologia e filosofia foi capaz de criar um uma rede mais extensa e institucionalizada.

Contudo, a partir dessas reflexões indagadas ao longo do texto, a temática permanece aberta para futuras pesquisas. A rede que sustenta e compõe um determinado saber é complexa e deve ser estimada segundo a sua própria amplitude. Buscamos focar, principalmente, nas controvérsias decorrentes das diferentes leituras e versões da filosofia heideggeriana na clínica. Entretanto, o tema do funcionamento terapêutico da clínica, como dispositivo de produção de subjetividade atravessado por ontologias políticas distintas, permanece aberto como um horizonte possível para futuras pesquisas. Não quisemos destacar os pontos em comum que abrigam os projetos de Boss e Binswanger sob o mesmo título de *Daseinsanalyse* (uma vez que visávamos focar nas especificidades que marca a ruptura entre cada uma dessas escolas), mas concordamos que, numa leitura comparativa, tal proposta se oferece como um elemento instigante para futuras leituras.

Referências

- Arendt, R. (mayo, 2007). *Considerações sobre os conceitos de recalitrância e de plasma e sua relação com o conceito de não domínio na obra de Bruno Latour*. Trabajo presentado en el V Congreso Norte-Nordeste de Psicología, Conselho Regional de Psicologia CRP-15, Maceió, Brasil. Resumen recuperado de <http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/resumos/35867.htm>
- Arendt, R. (2010). Enfim: e a tua Psicologia, como é, e pra quê?. En A. Leal, L. De Luna, M. Moraes & R. Jacques (Eds.), *Teoria Ator-Rede e a Psicologia* (pp. 24-43). Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Boss, M. (1997). Encontros com Boss. *Daseinsanalyse – Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 2, 5-21.
- Boss, M. & Condrau, G. (1997). Análise Existencial. *Daseinsanalyse – Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 2, 23-35.
- Cardinalli, I. (2012). *Daseinsanalyse e Esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss*. São Paulo: Escuta.
- Carrasco, J. (2014). Salud mental y psiquiatria comunitaria en Chile: El proceso de configuración de un objeto de gobierno. En T. Yuing & R. Karmy (Eds.), *Biopolíticas, gobierno y salud pública. Miradas para un diagnóstico diferencial* (pp. 127-153). Santiago de Chile: Ocho libros.
- Canguilhem, G. (1973). O que é psicologia?. *Tempo Brasileiro*, 30/31, 104-123.
- Dastur, F. (2005). *O que é a Daseinsanalyse?*. Covilhã: Lusosofia.
- Despret, V. (1999). *Ces émotions qui nous fabriquent. Ethnopsychologie de l'authenticité*. Le Plessis-Robinson: Intitut Synthélabo.
- Despret, V. (2004). Hans: *Le cheval qui savait compter*. Paris: Les empêcheurs de penser en ronde.
- Foucault, M. (2010). A Psicologia de 1850 a 1950. En Da Motta, M. B. (Ed.), *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise* (pp. 133-151). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Heidegger, M. (2009). *Sobre a questão do pensamento*. Petrópolis: Vozes.
- Latour, B. (1996). Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências. En M. Serres (Ed.), *Elementos para uma História das Ciências Vol. III* (pp. 423-445). Lisboa: Terramar.

- Latour, B. (2001). *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos; tradução de Gilson César Cardoso de Sousa*. Bauru: EDUSC.
- Latour, B. & Woolgar, S. (1997). *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Latour, B. & Woolgar, S. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade*. São Paulo: UNESP.
- Law, J. (2004). *After method: mess in social science research*. London: Routledge.
- Leal, A., Foreaux, B., Torres, J., Ruthes, K., Barbosa, M. & Barbosa, N. (2013). A produção de subjetividade em rede: seguindo as pistas de uma Divisão de Psicologia Aplicada. *Universitas Humanistica*, 76, 371-392. Recuperado de <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/3835/7769>
- Leal, A., Barbosa, N., Foureaux, B. & Ruthes, K. (2014). Técnicas de si e clínica psi: um campo de estudos etnográficos. *Polis e Psique*, 4(3), 80-99. Recuperado de http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/49853/pdf_28
- Loparic, Z. (2002). Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?. *Natureza Humana*, 4(2), 383-413. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n2/v4n2a06.pdf>
- Loredo, J. C. (2012). El yo como obra de arte en el dandismo. Una primera aproximación. *Revista de Historia de la Psicología*, 33(1), 29-50. Recuperado de <http://www.revistahistoriapsicologia.es/revista/2012-vol-33-n%C3%BAm-1/>
- Loredo, J. C. & Castro, J. (2013). Citizen Weeks or the psychologizing of citizenship. *History of Psychology*, 16(1), 57-71. doi:10.1037/a0031317
- Moreira, V. (2010). Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 723-731. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a07>
- Moreira, V. (2011). A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 172-184. Recuperado de <http://bibliotecaparaalapersona-epimeleia.com/greenstone/collect/revista3/index/assoc/HASHc99e.dir/doc.pdf>
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in psychology and psychiatry: a historical introduction*. Evanston: Northwestern University Press.
- Stengers, I. (1989). *Quem tem medo da ciência?*. São Paulo: Siciliano.
- Tatossian, A. (2006). *A fenomenologia das psicoses; tradução de Célio Freire*. São Paulo: Escuta.